

ATELIÊ DE ARTES E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Luana Janeiro Antunes (DTP – UEM), Leticia Nishiyama (DTP – UEM), Patrícia Andyara Thibes (DTP – UEM), Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar (Coordenadora do projeto), e-mail: alencargizeli@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá/Departamento de Teoria e Prática da Educação – Maringá – PR.

Área temática: Educação

Palavras-chave: Deficiência intelectual; mediação dialética; artes

Resumo

A atividade artística permite diversas formas de aprendizagem fornecendo ao aluno subsídios para auxiliar no desenvolvimento intelectual e social. A arte torna-se uma maneira diversificada de apropriação de conhecimentos. Sob esse prisma, o objetivo geral deste estudo é compreender o papel da arte como forma de expressão e desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual por meio da Metodologia da Mediação Dialética (ARNONI, 2007); e específico aprofundar conhecimentos sobre a deficiência intelectual com vistas a conhecer formas alternativas de trabalho nas áreas de educação e arte. Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico e de campo, em andamento, cuja base teórica se fundamenta na concepção do materialismo histórico com ênfase nos estudos de Vygotsky e seus colaboradores.

Arte e deficiência intelectual

O rótulo de incapacidade, que acompanha o conceito de deficiência intelectual, afasta a população tida como especial dos bens materiais e culturais, impossibilitando-os de ter acesso aos bens culturais e de realizarem suas próprias produções. Sob esse aspecto, Vygotsky (2003) afirma o quanto é importante à assimilação dos bens culturais, pois o homem ao produzir algo tem como base o que conhece do mundo exterior. Toda a experiência passada ao indivíduo é importante para que ele possa reconhecer e compreender o mundo que o rodeia. O indivíduo age e se comporta baseado em conhecimentos estabelecidos, em atividades humanas já criadas e elaboradas, portanto, além de assimilar objetos do mundo exterior pode reproduzi-los.

O indivíduo quando não se limita a reproduzir é capaz de agir criativamente, combinando e reelaborando novos conhecimentos a partir de suas experiências passadas. Sob esse prisma, Vygotsky pontua que a imaginação é *“uma função vital necessária”* (2003, p.15) e está vinculada a realidade. A arte, foco desse estudo, e a imagem por ela retratada, agregam significados, formas e comportamentos cotidianos, de exteriorização de subjetividades e de exercício da criatividade. (MEIRA, 2003)

Nos atos de desenhar, pintar, criar uma escultura está implícitos processos de organização de espaço, definição de formas e composição de planos. Ao produzir artisticamente, ao compor visualmente, a pessoa articula e estrutura o sentir e o pensar. Nesse fazer artístico estão presentes o conhecimento e a leitura dos elementos visuais, a organização e a ordenação do pensamento, a significação (representação), a construção de imagem, a expressão da história pessoal e social do sujeito. Então, acredita-se que o ensino de arte é resultado da articulação entre o fazer, o conhecer, o exprimir e o criar.

Mediação dialética

Partindo do pressuposto que o indivíduo se desenvolve por meio das relações sociais e que a arte é um recurso facilitador da comunicação entre os indivíduos, à prática educativa no ateliê de artes foi re-planejada para que as aulas se configurassem em momentos de apropriação do saber cultural e científico produzidos pelos homens.

A Metodologia da Mediação Dialética proposta por Arnoni (2007) contempla um planejamento de ensino que objetiva transformar conhecimento científico em conteúdo de ensino, sem deixar de lado os conhecimentos prévios dos educando.

O plano de aula pautado nessa metodologia se constitui em quatro etapas, que têm seu início no momento em que o professor dá voz ao educando para que possa expressar o que sabe do tema que será discutido em aula (*resgate e registro*), na seqüência questionamentos são feitos com o intuito de levar o aluno a perceber que seus conhecimentos imediatos não são suficientes para respondê-los (*problematizando*). Na posse das enunciações realizadas (*registro*) nos momentos anteriores o educador deve transformar o conhecimento científico em conteúdo de ensino, ou seja, coerente para aplicação em sala de aula de forma a ser entendido pelo aluno (*sistematizando*). O último momento é quando o aluno irá expor (*produzindo*) o que apreendeu do conteúdo, podendo relacionar os saberes que tinha outrora e os que se apropriou no decorrer das discussões, momento esse que se evidencia a superação do conhecimento imediato pelo conhecimento científico, ou seja, o conteúdo. (ARNONI, 2007).

Sob a luz da Metodologia da Mediação Dialética o planejamento no ateliê de artes foi repensado, visto que, esses seres sociais, devem ser ouvidos e ter contato com a cultura historicamente acumulada, para que possa estabelecer relações dialógicas significativas, participando ativamente da sociedade da qual fazem parte.

Alguns resultados

A primeira atividade realizada sob a luz do planejamento já descrito teve como tema a ampliação de desenhos. Essa atividade objetivou explorar os conceitos de maior, menor e igual; estimular a percepção visual; mediar o uso da técnica de quadricular.

Na primeira etapa da atividade foi estabelecido o seguinte diálogo para resgatar e registrar o conhecimento imediato dos alunos:

Profª: “O que vocês entendem por ampliação?”

Aluno J: “É olhar e fazer igual.”

Profª: *“Pensem um pouco mais sobre isso! Você está dizendo que ampliar é igual a copiar?”*

Aluno J: *“Não professora, quer dizer é aumentar.”*

Aluna M: *“É deixar o desenho grande.”*

Aluna E: *“É fazer o desenho ficar maior.”*

Profª: *“E como nós podemos fazer isso?”*

Aluna M: *“É só colocar a folha em cima e copiar.”*

Aluno J: *“Em outro papel desenhar maior o desenho.”*

Aluna M: *“Podemos medir os pedaços do desenho.”*

Aluno J: *“É, e com a medida ela tem que aumentar o desenho.”*

Aluna E: *“É só olhar o desenho pequeno e desenhar maior em outro papel.”*

Profª: *“Então vamos ampliar essa flor do jeito que vocês estão falando.”*

Nesse momento os alunos começaram a realizar a atividade. Tentaram aumentar o desenho olhando para a flor menor para copiar em outra folha uma flor maior. Outro dialogo foi realizado para que eles fizessem a comparação entre as flores.

Profª: *“Como ficou o desenho da flor que vocês fizeram? comparem com a flor original?”*

Aluna M: *“Ficou igual.”*

Profª: *“Vamos ver o seu ‘M’! Hum, as pétalas e as folhas, que você fez, estão iguais ao desenho original?”*

Aluna M: *“Está diferente, as minhas pétalas estão tortas, a folha ficou diferente também.”*

Profª: *“Você fez o mesmo número de pétalas?”*

Aluna M: *“Não eu fiz cinco no outro desenho tem seis.”*

Profª: *“E quanto ao tamanho? Está maior, menor ou igual?”*

Aluna M: *“A minha flor ficou pequena.”*

Profª: *“E a sua flor ‘J’? Como está?”*

Aluno J: *“A minha ficou maior, mas está diferente o tamanho das pétalas.”*

Aluno J: *“No meio desenho tem mais pétalas, fiz quatro pétalas a mais.”*

Profª: *“Tem mais alguma coisa que mudou?”*

Aluno J: *“A folha, no desenho ela esta arredonda, no meu não está. A, o cabo da flor também eu fiz reto no desenho está arredondado.”*

Aluna M: *“No meu fiz o cabo da flor menor que o do desenho.”*

Aluno J: *“Usa a régua para medir o cabo da flor, o meu ficou um centímetro maior.”*

Profª: *“Então o desenho de vocês ficou igual ao desenho original?”*

Aluna M: *“Não.”*

Aluno J: *“Umás coisas ficaram maior, mas ta diferente o desenho.”*

Aluna E: *“A minha professora ficou com o cabo ficou maior e as pétalas menor.”*

Depois de realizar as comparações foi feita a problematização.

Profª: *“Vocês sabem como nós podemos fazer uma ampliação sem modificar a forma do desenho?”*

Aluno J: *“Dá para fazer igual só olhando.”*

Aluna M: *“É dá, se eu colocar uma folha por cima e copiar.”*

Profª: *“Mas desse jeito vai ficar maior?”*

Aluno J: *“Não.”*

Aluna M: *“É vai ficar igual.”*

Profª: *“E do jeito que ele falou? Vai ficar maior sem modificar a forma do desenho?”*

Aluna M: *“Sim.”*

Profª: *“Então vamos tentar fazer a ampliação de novo, só olhando.”*

Profª: *“Vamos comparar? O que vocês acham? Ficou maior e sem modificações na forma?”*

Aluna E: *“Ficou diferente.”*

Aluna M: *“Ah, ficou diferente, não dá não para aumentar e deixar igual só olhando.”*

Aluno J: *“Não, não deu. Maior ficou, mas mudou a flor.”*

Aluna E: *“Algumas vezes quando a gente olha e copia sai igual e maior outras ficam diferentes.”*

Aluno J: *“Mas profissional que desenha consegue só olhando. Você já viu professora aquele cara que desenha só olhando?”*

Profª: *“Já vi sim! Mas nós estamos começando a desenhar agora! Como podemos fazer?”*

A primeira aula proporcionou aos alunos a discussão do que sabiam a respeito de ampliação, no início as respostas aconteciam sem reflexão, mas com os questionamentos os alunos passaram a pensar antes de responder. A problematização das atividades práticas de ampliação auxiliou os alunos a perceberem os conceitos de maior/ menor, de igual/ diferente.

Profª: *“Pessoal o que nós conversamos na aula passada, alguém lembra?”*

Aluno J: *“Nós estávamos tentando aumentar um desenho.”*

Aluna E: *“Mas uns copiaram, outros fizeram diferente do desenho da flor.”*

Aluno J: *“Não deu para aumentar sem deixar a flor diferente só olhando.”*

Profª: *“Que bom que você falou sobre isso.”*

Profª: *“Vocês pensaram na pergunta da aula passada, como podemos ampliar um desenho sem modificar sua forma?”*

Aluno J: *“Não.”*

Aluna E: *“Eu não sei.”*

Foi proposto aos alunos desenvolver a atividade de ampliação do desenho em uma folha quadriculada, após a mediação dos conceitos da técnica de quadricular. Os alunos utilizaram régua e lápis de cor, para medirem os quadrados maiores e menores e posteriormente colorirem as partes do desenho conforme iam ampliando.

Profª: *“Vamos medir os quadrados em que o desenho está.”*

Aluno J: *“O quadrado tem seis centímetros em todos os lados porque quadrado tem os lados iguais. Os que estão dentro desse tem dois centímetros.”*

Profª: *“Vamos medir o quadrado maior onde vocês irão fazer a ampliação.”*

Aluno E: *“Tem nove centímetros e os que têm dentro têm três centímetros.”*

Profª: *“Vocês acham que quando fizermos o desenho dentro do quadrado maior ele vai aumentar?”*

Aluno J: *“Sim, porque os quadradinhos maiores têm um centímetro a mais que os menores.”*

Aluna E: *“Ai a gente desenha dentro deles igual o desenho pequeno que ele aumenta.”*

Profª: *“Vamos ver se isso vai acontecer?”*

Os alunos fizeram a atividade de ampliar uma bola, e durante a atividade conseguiram perceber a relação entre os quadrados maiores e menores, fazendo cada parte do desenho dentro dos quadrados respectivos.

No final da aula um dos alunos fez a seguinte colocação:

Aluno J: *“Professora já dá até para sermos arquitetos”.*

Aluna E: *“As telas de pintura que a gente fez o ano passado sobre os pontos turísticos de Maringá podia ter sido ampliada, né? Ao invés de nós desenharmos.”*

Profª: *“É.”*

Considerações

Avaliando a atividade produzida e o registro dos diálogos percebe-se que alguns alunos fizeram a relação da técnica apreendida com a prática na vida cotidiana, por exemplo, o trabalho que um arquiteto realiza. Os desenhos da última aula evidenciaram que os alunos se apropriaram dos conceitos trabalhados e entenderam como a técnica de quadricular para ampliar um desenho se realiza.

No fazer artístico o aluno pode desenvolver suas capacidades cognitivas, superar suas limitações, dificuldades, expressar seus conhecimentos e sentimentos em suas produções. É possível transferir para a obra aquilo que lhe é peculiar, sendo capaz de entender que sua produção artística é algo que pode ser valorizada e útil. Desta maneira, ao conhecer e ter acesso à arte, o indivíduo com necessidades especiais pode sentir-se mais participante da sociedade na qual está inserido, podendo a arte ser utilizada enquanto recurso facilitador de desenvolvimento e aprimoramento das capacidades e habilidades da pessoa com deficiência mental.

Sob esse enfoque, percebe-se a necessidade de possibilitar experiências para a pessoa com necessidades especiais, pois o acesso aos bens culturais

produzidos socialmente, por meio de um planejamento que valorize o conhecimento imediato para posteriormente convertê-lo em científico, permite que o educando com deficiência intelectual conheça as relações que se estabelecem no meio em que vive. Desse modo pode ampliar seus conhecimentos, assimilando experiências de outras pessoas e principalmente realizando as suas, o que lhes permite maiores subsídios para imaginar criativamente.

Referências

ARNONI, M. E. B., OLIVEIRA, E. M.; ALMEIDA, J. L. V. **Mediação Dialética na Educação Escolar: teoria e prática**. São Paulo: Edições Loyola. 2007.

MEIRA, Marly. **Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: meditação 2003.

PESSOTTI, I. **Deficiência Mental: da superstição à ciência**. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

VIGOTSKI, L. S. **La imaginación y el arte em la infância**. Espana: Akal, 2003.

VYGOTSKY, L.S. **Fundamentos de defectologia**. Havana: Ed. Pueblo e Educacion, 1989.